

TEATRO DE ARENA

BR.TBES.C.158
7

O plano de construção de um teatro de arena no antigo mercado da Esplanada Capixaba, centro da cidade, nasceu na gestão de Beatriz Abaurre à frente da Fundação Cultural do Espírito Santo, e morreu por decisão do atual diretor-presidente, Marien Calixte. Esse acertou com a Fundação Nacional de Arte e transferência da verba para que seja erguido no mesmo local o Centro de Artesanato do Estado, de organização e responsabilidade da Secretaria de Cultura e Bem-Estar Social.

O arquivamento do projeto e a importância de um teatro de arena para Vitória são discutidos aqui por Marien Calixte, pelo coordenador de teatro da Fundação, Luiz Tadeu Teixeira, o diretor teatral Antonio Carlos Neves, o presidente da Federação Capixaba de Teatro Amador, Antonio Rosa e o autor Milson Henriques (entrevistado separadamente).

COMO SURTIU A IDEIA

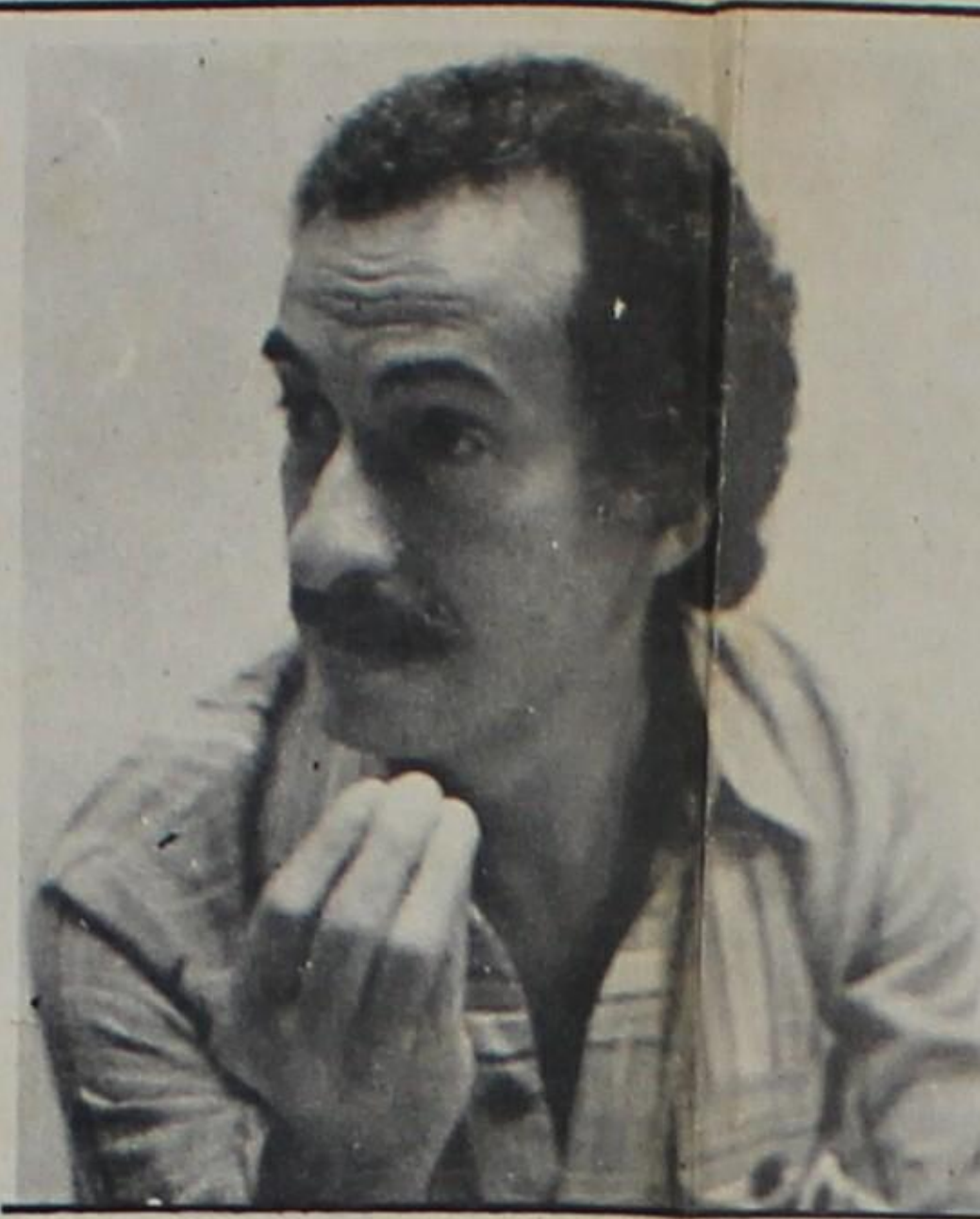
"Não me lembro de quem é a idéia ou quando nasceu exatamente. Sei que, em 1973, fui ao Ceará e vi uma cadeira que foi transformada em teatro de arena e as celas eram lugares para vender artesanato. Uma vez, lá na construção do teatro de arena, nunca falei isso para ninguém, pensei que seria lindo se o Espírito Santo fizesse um negócio igual", diz Milson Henriques, autor (em parceria com Amylton de Almeida) da peça (Quemados) programada para inaugurar o teatro de arena da Capixaba, embora não tivesse sido inicialmente elaborada para esse fim. Mas a idéia da apresentação foi amadurecendo em cima de um palco que ficasse no centro e a platéia em volta.

Milson participou como ator do grupo Geração, dirigido por Antonio Carlos Neves, que, nos anos sessenta, montou em Vitória, no Colégio Brasileiro, um teatro de arena, com excelente receptividade do público. "Sempre foi um sonho meu, fora mesmo daquele da Capixaba, fazer um teatro de arena aqui. Acho que é o teatro que vai ficar, inclusive. O teatro prosaico, já disse isso, vai ficar igual a ópera, elitista. E a única salvação, para mim, seria o teatro de arena. Já falei diversas vezes sobre as diferenças entre teatro de arena e teatro prosaico. No teatro de arena, você... quando se é pequeno, você quer um cavalinho de presente, aí teu pai compra um cavalo na Mesbla, lindo, feito pela Estrela, branco, maravilhoso, tamanho natural, mexe, abre os olhos, fecha, você pode montar com o cavalo a vontade, mas sabe que é um cavalo de mentira. Mas se você pegar um pepino, enfiar quatro palitinhos e brincar de faz-de-conta que é cavalo, você vê o cavalo que quer naquele palitinho. Acho que isso é a diferença do arena para o prosaico. No prosaico, se eu estou lá vestido de velho, de mulher, seja o que for, bem maquiado, super maquiado, a pessoa está vendo que sou eu maquiado; agora, se estou no teatro de arena, sem maquiagem, sem nada, sendo ator só, fazendo papel de mulher, de repente vira para velha, de repente vira pra criança, o espectador vê só o corpo, ele vê o que quer, ele veste em mim o que imagina. Essa é a diferença entre o prosaico e o arena; e esse arena tem que ficar, é o necessário, totalmente despojado, quase sem roupa, e bem mais democrático, a única forma de levar o povo ao teatro. Quem foi ver Constantina, que é o exemplo de teatro carlosgômico? Não se via povo. Havia coroa, mas tudo classe média alta ou baixa querendo ascender".

Milson diz agora o que achou do projeto de teatro de arena, na época em que foi apresentado à Fundação Cultural: "Vi o projeto. A minha opinião é a seguinte:... é quase que... não é bem desculpa... Tinha que ser assim, porque a gente queria apertar de qualquer maneira o teatro de arena. Então, a solução seria fazer de qualquer jeito; depois, com o tempo, se endireitaria. Beatriz sabia disso. A idéia era pegar o teatro antes que alguém... teve gente querendo fazer espigão, querendo fazer mil coisas. Então, vamos pegar para fazer teatro porque, depois que tiver lá, aí ninguém tira mais; então, a gente, pouco a pouco, vai endireitando. O projeto da Beatriz, ela sabia, o arquiteto sabia, não era um projeto bom. Tinha mil defeitos, o principal era a falta de cobertura, não podia ter acústica, o chão ia ficar todo... porque o chão lá é todo irregular, então a gente tentou usar o irregular do chão como uma coisa benéfica, transformar aquilo numa coisa boa, mas há o problema da localização, estacionamento, acústica, tem prédios e apartamentos próximos, mas principalmente cobertura, não podia cobrir, tinha que ser ao ar livre, cobrindo no máximo as arquibancadas, tipo futebol, não sei por que não podia cobrir. Mas quando chovesse não teria espetáculo. De qualquer maneira, a gente ia fazer assim mesmo, porque pelo menos ninguém apANHARIA a área, porque até para escola de samba quase foi dado o local. Então, a gente queria salvar, pegar de qualquer maneira para fazer um teatro. Se não pudesse fazer nesta gestão de Eleio Álvares, o próximo faria. Já é um teatro, ele não vai desmanchar, vai reformular".

O que representa a decisão da Fundação Cultural em não mais construir o teatro de arena para os grupos capixabas, considerando que na cidade só há dois teatros em funcionamento: um, o Carlos Gomes, muito luxuoso e com agenda cheia e outro, o Teatro-Estúdio, sem quase nenhuma condição técnica? Como diretor do grupo Ato Agilo, Milson responde: "Eu sou pelo fechamento do Teatro-Estúdio e por procurar um outro local para se fazer o teatro de arena. Porque é um auditório mal feito, deixar o Teatro-Estúdio para ensaios, conferências, não para teatro, talvez para teatro experimental, com peça de dois personagens. Fazer esse e partir para outro, talvez mais modesto, porque o sonho lá na Capixaba era sobre um

Marien Calixte assumiu a Fundação Cultural quando o projeto já estava em andamento. Suspendeu a construção por considerar a obra inviável tecnicamente e por falta de recursos para a manutenção do teatro. Mas fez questão de defender o autor do projeto, arquiteto Luiz Paulo Dessaune, atribuindo maior responsabilidade à gestão anterior da Fundação.



Antonio Carlos Neves diz que alertou sobre os defeitos do projeto, mas que a Fundação resolveu aprovar assim mesmo a obra. Nos anos sessenta, com o grupo Geração, Antônio Carlos montou várias peças num teatro de arena instalado no refatório do Colégio Brasileiro, sem recursos, mas conseguindo ótima receptividade do público.



núcleo cultural que poderia existir, ajudando a vida noturna capixaba. Você imagina o teatro de arena lá dentro, em cima o museu e, embaixo, as lojinhas de artesanato, livraria, barzinhos com cadeiras do lado de fora, então, a vida noturna de Vitória... iria acabar o monopólio do Britz, coitado! Vitoria lá deixar de ser um cemitério à noite. Um dos problemas que a gente sabia que existia era a falta de estacionamento, mas à noite se estaciona pela cidade toda, estacionamento o Carlos Gomes também não tem. A noite, a cidade toda está vazia, é um cemitério, bota o carro na Praça Otto e vai a pé até à Capixaba. Seria um ponto para artista conversar, para ter artesanato, batidinha, para os bares ficarem abertos até 2, 3 horas da manhã, como o Britz faz, mas vários barzinhos, livrarias de bolso, Copacabana fica aberta a noite toda. E pensa que o projeto se perca porque se perde esse movimento".

Sobre a possibilidade de o Teatro da SCAV, na Beira-Mar, vir a substituir o teatro de arena no sentido de um local mais despojado, de melhor acesso popular, Milson comenta: "Acho que a intenção de dona Edith Bulhões, e o teatro é dela, feito por ela, não é fazer um teatro de arena. Se ela concordar em fazer um teatro despojado, vai ser bom para nós, embora o sonho dela vá por água abaixo. Mas o sonho dela, não estou criticando aqui, estou achando ótimo, foi fazer um outro Carlos Gomes até, um teatro também de elite, mais para ballet, recital, é o teatro dela, ela quis fazer isso. Acho ótimo o que ela conseguiu fazer. Se a gente pegar para arena, seria uma delícia, mas vai destruir o sonho dela. Ela não vai concordar com isso. A não ser agora, que está em construção, mas depois de pronto acho que ela vai pretender que seja um outro Carlos Gomes. É um direito dela. O teatro é dela, ela fez com seu esforço".

Essa colocação de Milson a respeito da pretensão da diretora da SCAV lembra um fato. O teatro, que está inacabado, cujas obras prosseguem lentamente, foi palco de uma longa temporada de Antigona no ano passado, numa montagem que se utilizava amplamente do espaço anticonvencional, e agora se cogita apresentações de um espetáculo dentro da linha experimental. Mas isso realmente não poderia ser interpretado como uma abertura segura para os grupos, pois a diretoria da SCAV ainda não se pronunciou sobre o que pretende fazer do local depois da inauguração oficial.

E Milson acrescenta: "A SCAV não será a solução, seria se ficasse como está hoje. Eu vi Hoje é Dia de Rock no Rio e o teatro era assim tipo o da SCAV, um teatro despojado. Agora, não sei. Teria que ter outra área para fazer um teatrinho de arena, não precisava grande, não era mais aquele sonho de teatro popular. Nós não fuemos ali naquela época, 66, na cozinha de um colégio? É só botar arquibancada e fazer o teatro de arena".

Autor, diretor, ator e participante de di-

versos espetáculos nos últimos 10 anos do teatro Capixaba, Milson Henriques vê num teatro de arena a grande solução para quebrar o círculo vicioso de um Carlos Gomes luxuoso e super-ocupado e um Teatro-Estúdio defeituoso. "É, um teatro funcional, porque o Teatro-Estúdio não é uma opção, inclusive, porque povo não vem. Décimo andar, elevador... É um teatrinho para levar peças experimentais para um público reduzido, para outros atores. É preciso fazer o tal de teatro de arena, em outra área, menor talvez, mas um teatro mais calça Lee".

A POSIÇÃO DA FUNDAÇÃO

O diretor-presidente da Fundação Cultural, Marien Calixte começa explicando o projeto original do teatro de arena, elaborado pelo arquiteto Luiz Paulo Dessaune: "O Luiz Paulo foi chamado Fundação para fazer um projeto, ou seja, uma idéia primária. O Luiz Paulo Dessaune, queria esclarecer, é um arquiteto, um profissional, inclusive do mais alto nível, em termos de Vitória, e está prestando serviços à Fundação em caráter excepcional. Ele está apegado à Secretaria de Interior e Transporte e a Fundação o requisita em termos puramente de favor, ele não recebe por isso nenhuma remuneração extra e tem prestado inclusive a mim inúmeros serviços, batinho do Carlos Gomes, acompanhando a obra de reforma do teatro, etc. Ele foi chamado pela Fundação Cultural no tempo em que a Beatriz Abaurre era diretora para fazer um projeto, uma idéia de teatro de arena naquele antigo mercado da Capixaba e é esse projeto que nós temos aqui em mãos... Então ele me explicou o seguinte: que é um projeto, ou seja, uma idéia, sem ser um técnico em teatro e sem ter nenhuma informação a respeito. A Fundação não prestou nenhuma informação. Disse apenas que o espaço era aquele e que precisava fazer um teatro de arena, que era um negócio aberto, num projeto bastante rústica e simples. Ele fez o projeto e trouxe para a Fundação, que usou aqui. A expressão é dele: rudimentarmente. Ele fez as divisões dos lugares que, lá, o palco, as duas entradas originais, fez uma idéia abutalhada. Ninguém se dá a ele: olha, o banheiro tem que ser ao lado do camarim, o camarim ao lado do palco, a mesa de som... ele apenas foi consultando um livro, pensando nos teatros que já viu na vida, então botou um camarim ali, aproveitando o espaço que tinha, por causa de problema físico da área, que meio inclinada, que tem brejo porque é avulsão, que aqui não passa água, não sei o que é o problema muito difícil na área, porque a obra dessa harata, que é o problema da Fundação; lá era um porão antigo, tem pedras enormes, tem muita lama, etc. Se se faz uma obra muito pesada, você tem o problema de fundação; se fizer fundação tem que se não causar um problema novo, etc. Aí ele fez um projeto rudimentar e entregou à Fundação. Então, de me

Por que esse projeto foi arquivado?

Na administração de Beatriz Abaurre à frente da Fundação Cultural surgiu a idéia da construção de um teatro de Arena no local do antigo mercado da Capixaba, sendo escolhido o espetáculo Quemados de Milson Henriques, e Amylton de Almeida, para a inauguração. A Fundação pediu, então, ao arquiteto Luiz Paulo Dessaune que fizesse um projeto para a obra, o qual, mesmo com os defeitos apontados, foi aprovado. As obras começaram, enquanto as datas de inauguração eram sucessivamente adiadas, até que Marien Calixte assumiu a direção da Fundação Cultural e resolveu suspender tudo, alegando não só as dificuldades financeiras do órgão como a grande inviabilidade técnica do projeto, criticado inclusive por um engenheiro da Funarte. A decisão de Marien Calixte está sendo colocada aqui em debate, para o qual foram convidados o próprio diretor da Fundação, o coordenador de teatro do órgão, o diretor Antonio Carlos Neves, o presidente da Fecata, Antonio Rosa e, separadamente, o diretor-autor Milson Henriques.

CADERNO DOIS DOMINGO

VITÓRIA (ES), DOMINGO, 4 DE JUNHO DE 1978

ninguém mais me consultou, deixei umas idéias e tal... Nunca mais a Fundação me procurou. Tempos depois fui surpreendido, vendo os jornais, televisão, que a Fundação ia executar o projeto teatro de arena, tinha verba e tal; era um projeto original meu que o DEO (Departamento de Edificações e Obras) ia executar". Marien continua: "Eu apenas soube o seguinte: que a Fundação pegou o projeto, deu ao DEO para fazer um estudo técnico, quanto custaria, não sei quê, porque estava apressando os recursos federais. O DEO, em cima do projeto, faz uma planta, toda ela coincidente".

Uma pergunta foi feita a Marien: reconhecendo que não entende de teatro e fazendo um projeto para teatro, o arquiteto não estaria comprometendo seu nome como profissional? Porque hoje o projeto é reconhecidamente defeituoso, o engenheiro da Funarte veio a Vitória e constatou os defeitos, a Fundação reconhece isso.

Diz Marien: "Veja bem, estou pegando o assunto pela metade. Estou analisando um passado do qual não participei e vendo os problemas que estou enfrentando hoje. Eu continuo isentando o Luiz Paulo Dessaune no seguinte sentido: ele foi chamado a dar uma idéia, não foi chamado a, publicamente, expor sua idéia. E um estudo preliminar. Daí em diante, a Fundação não pode, inclusive por uma questão de dignidade, nem eu pessoalmente, dizer que o Luiz Paulo fez uma coisa errada. Pelo contrário, ele colaborou. Daí em diante, a Fundação é que tinha de dizer: não, não é assim, é assado, vamos chamar um técnico para inclusive auxiliar, teria que ser um técnico em teatro, um ator, ou um cenógrafo. Eu só sei, sinceramente, até aí, daí em diante..."

UM TESTEMUNHO

Autor, diretor e responsável pelo Grupo do Teatro-Estúdio quando havia a pretensão de uma escola de teatro, Antonio Carlos Neves também tomou conhecimento do projeto do teatro de arena, e dá seu testemunho: "Houve uma espécie de consulta. Lembro-me que, quando eu ainda estava no Teatro-Estúdio, me chamaram aqui e disseram: a planta está pronta. Disseram inclusive que ela tinha sido mostrada a Milson Henriques e o Milson apoiou, achou a planta ótima. Quando olhei a planta, poxa, na primeira olhada que você dá, qualquer pessoa que trabalha em teatro sabe, qual: esta planta está toda errada! Mas por que está errada? Ai expliquei. Coloquei que os atores que estariam nos bastidores não teriam condições de ver o palco, não teriam condições de saber a hora que entram no palco, quer dizer, ia criar um problema terrível para o ator, no caso de uma peça que não tivesse diálogo oral. Coloquei que aquilo não era um teatro de arena, era mais uma pista, uma passarela de missas, coloquei todos os problemas que só a primeira vista dá para você perceber. Então me disseram: é, sinto muito, mas vai ter que ir desse jeito mesmo, porque já está aprovado. Então, acho que o problema é um pouco mais sério".

Sobre o argumento de Milson Henriques de que a idéia, na época, era conseguir o local de qualquer jeito, antes que fosse construído mais um espigão ou o Governo o destinasse para outra finalidade, Antonio Carlos Neves afirma: "O local já era da Fundação, já estava tudo definido, a planta estava há muito tempo sendo elaborada, não havia esse risco, eu me lembro, já estava tudo certo, ia ficar para a Fundação e ia ser usado o local para construir um teatro de arena e as lojas laterais iam ser usadas posteriormente, à medida em que fossem sendo desalojadas as pessoas, iam ser usadas para artesanato. Tudo já estava definido, tanto que, quando eu coloquei esses problemas que estavam errados na planta, não estava de acordo com uma planta de teatro, principalmente de arena, o que me disseram foi isso: agora vai ter que ir desse jeito, porque já está aprovado, vamos tocar pra frente".

Antonio Neves acrescenta ao seu relato.

nio: "A verdade é a seguinte: havia uma necessidade, não sei por que, muito urgente de se inaugurar uma série de coisas. Era para se inaugurar o teatro de arena, o Teatro-Estúdio, a televisão. Havia a necessidade, não sei por que, talvez por motivos fora da Fundação Cultural, mas a verdade é que havia uma necessidade urgente de se inaugurar uma série de coisas. O Teatro-Estúdio, por exemplo, durante praticamente um ano, nós tentamos, tentamos, fizemos tudo para ver se instalávamos o Teatro-Estúdio, de repente foi necessário instalá-lo em vinte dias, uma loucura. A televisão, o mesmo problema. Durante muito tempo ninguém ligou em termos de instalação do Teatro-Estúdio, de repente se resolveu instalar em vinte dias, foi uma loucura total para se instalar um teatro em vinte dias, que até hoje está mal definido, porque o Teatro-Estúdio era para ser uma escola de teatro e aquilo nunca foi montado para ser uma casa de espetáculos, aquilo, eventualmente, iria ser usado para apresentação dos alunos da escola de teatro. Mas foi feito de qualquer maneira, tanto que quatro dias depois da inauguração acabaram com a escola e transformaram aquilo em casa de espetáculos. Para mim, realmente, o problema era esse: uma necessidade de se fazer, de se inaugurar coisas, sem planejamento, sem estudo profundo para saber se havia condições, uma infra-estrutura. A verdade é que tudo foi colocado ao Deus dará. Não tem sentido se insistir no erro, dizer está errado, mas vamos tocar pra frente. Então, o negócio era esse: colocar na estatística que mais uma obra foi realizada".

UMA OBRA INVIÁVEL

Marien Calixte diz que decidiu suspender a construção do teatro de arena por dois motivos: inviabilidade técnica e carência de verba para manutenção e até complemento da construção. "O caráter técnico é esse que estamos analisando aqui. O Toninho está inclusive muito melhor informado do que eu. O meu problema é que apanhei a coisa em termos de é preciso fazer a obra do teatro de arena que estava lá paralisada, e continua lá do mesmo jeito que estava antes, alguns operários do DEO fizeram alguns banheiros. Foi lá visitar e achei, pessoalmente, apenas com o conhecimento primário que tenho de teatro, que realmente aquilo era uma coisa errada. Pedi ao DEO para paralisar a obra porque achava que nós poderíamos fazer talvez uma retificação. O próprio DEO, através do doutor Laerc, que é o diretor, ponderou comigo, que realmente achava algumas coisas até estranhas, em termos de bom senso, ele, como engenheiro. Problemas das arquibancadas, da forma do teatro, problema de peso, uma série de coisas, eles estavam com uma certa preocupação, mas que evidentemente se podia executar a obra do jeito que estava na planta, como foi solicitada a ele pela Fundação Cultural. Veja bem. O problema de orçamento inclusive estava baixo para a obra e para a manutenção. Paralelamente, eu consegui do doutor Parreiras, que é o diretor-geral da Funarte, a presença aqui do doutor Sauer Brown, engenheiro-arquiteto, de alta qualificação e um fiscal-geral, coordenador de todas as obras da Funarte no setor teatro, ele tem especialização internacional inclusive. Veio aqui, visitou o teatro e fez várias anotações no anteprojeto de Luiz Paulo Dessaune. Ele ficou fazendo análise de caráter técnico. Inclusive há questões de bom senso levantadas por ele e que eu já havia raciocinado, com o pessoal aqui, com o Tadeu. Problema de estacionamento; são setecentas pessoas, segundo a previsão do projeto: onde colocar tanta gente nesse lugar? Ai, você sabe, tem posto de gasolina, lojas comerciais e duas avenidas que são importantes na vida da cidade e edifícios muito altos, não se sabe que repercussão teria isso naquele região".

Continua na página 12